INFORME SETORIAL: ANÁLISE DE CONJUNTURA NACIONAL

Tecnologia muda a forma de comercialização de bens digitais.

O Estado de S. Paulo

Não é todo dia que um artista consegue vender sua obra por valores superiores aos já atribuídos a trabalhos de Frida Kahlo e Salvador Dalí. No começo do mês, o designer gráfico americano Mike Winkelmann, conhecido como Beeple, conseguiu a proeza ao atingir US$ 69 milhões em uma colagem leiloada pela tradicional casa de leilões Christie's. Tem um detalhe: a obra não existe no mundo real. Ela é um arquivo do tipo JPEG, o mais comum para imagens digitais. Por trás da cifra assombrosa está o NFT, uma tecnologia que promete mudar a percepção de propriedade e comercialização de bens digitais.

É difícil imaginar como um arquivo, que pode ser replicado infinitas vezes, tenha o status de obra de museus. Muitas vezes, o que garante a originalidade desses trabalhos são certificados de autenticidade. O NFT (sigla para "token não fungível") funciona da mesma maneira: é um registro de que uma peça é única e tem dono. Ou seja, quem compra uma arte digital via NFT não está levando um arquivo que pode ser submetido com facilidade aos comandos de copiar e colar – está levando um certificado.

Esses certificados usam a estrutura da tecnologia de blockchain – a mesma da moeda bitcoin –, que oferece um registro seguro, transparente e descentralizado. Quando o sistema anota que uma pessoa é dona de um bem digital, é impossível apagar ou duplicar o registro.

Isso não significa que apenas o dono do NFT possa ter acesso ao arquivo JPEG – a obra do Beeple poderá ser reproduzida em infinitos computadores. Assim como a Monalisa é reproduzida em diferentes formatos, as obras certificadas com NFT podem ganhar cópias. Porém, da mesma forma que o museu do Louvre é dono do certificado da obra mais famosa de Leonardo Da Vinci, apenas uma pessoa é dona do NFT da obra de Beeple.

Em outras palavras, o NFT nada mais é do que um instrumento para colecionar bens digitais – supostamente oferece o mesmo gostinho de exclusividade e ostentação. No mundo das artes vendidas por NFT, há galerias e leilões especializados no segmento, que cobram taxas dos artistas para expor.

A venda de obras digitais é parte do que o NFT é capaz de precificar. Qualquer arquivo digital pode ser vendido com a tecnologia, incluindo memes, tuítes e músicas.

O Nyan Cat, um meme de um gatinho colorido, foi vendido por US$ 590 mil em fevereiro – outros memes do autor estão à venda. Jack Dorsey, fundador do Twitter, colocou à venda sua primeira postagem na rede social. A mensagem de 2006, em que Dorsey diz que está configurando seu Twitter, já recebeu um lance de US$ 2,5 milhões.

Outros nomes conhecidos por experimentação também já embarcaram: antes de anunciar o fim, a dupla francesa de música eletrônica Daft Punk disponibilizou para celebridades obras digitais em NFT – uma delas já foi vendida por US$ 15 mil pela atriz Lindsay Lohan. Já o artista visual Banksy digitalizou uma de suas obras e a vendeu por US$ 380 mil – a peça original foi queimada.

De fato, não há limites para o que pode ser vendido por NFT. “Hoje estão vendendo qualquer coisa digital. As pessoas estão explorando até onde existe apetite de compra. No fim, pode ser qualquer coisa que alguém queira comprar e ter um certificado”, explica Guilherme Nigri, que está produzindo um game onde os bens digitais vendidos na plataforma serão comercializados em NFT.

No Brasil, um dos primeiros artistas a vender NFTs foi o músico André Abujamra, eterno líder da banda Karnak. Ele fez uma parceria com o artista plástico Uno de Oliveira na animação “Coelhék”, que foi vendida por US$ 3.700 no começo de março. O resultado animou o músico, que venderá NFTs de músicas que ele não colocará nas plataformas de streaming.

Coleção digital. Como explicar que alguém pague por um selo de exclusividade sobre algo que pode ser replicado? “A humanidade gosta de colecionar diversas coisas e faz isso há milhares de anos no mundo físico. Porém, até o blockchain surgir, não éramos capazes de ter coleções no mundo digital. Agora isso é possível”, diz ao Estadão David Pakman, sócio da firma americana de venture capital Venrock.

Assim, o NFT é visto como um dos possíveis futuros da monetização da arte digital. “Estamos na transição para o mundo online e já começamos a dar valor a algumas coisas. Hoje, muita gente paga a assinatura Netflix porque reconhece. O NFT é o próximo passo para resolver o problema do artista digital”, diz Reinaldo Bianchi, professor do Centro Universitário da FEI.

Assim, vender por NFT pode ser uma nova fonte de receita. “Nunca fui tão ouvindo no streaming, mas a receita é de centavos”, diz Abujamra. “Com o único NFT vendido, ganhei um valor que levaria muito tempo para acumular nos serviços de streaming. Todo artista deveria estudar o NFT”, diz.

Do lado de quem é fã, o NFT permite uma forma de dar apoio por uma nova via. “Em meio à pandemia, os artistas precisam ter uma maneira de ganhar dinheiro. Comprar um NFT é

uma forma de reconhecimento artista", afirma Bianchi. "É também por esse motivo que muitas pessoas compram artes normalmente no mundo real".

Para um outro grupo, o NFT pode ser uma oportunidade de investimento. Ou seja, negociase NFTs na expectativa de que determinado artista ou obra se valorize. Isso também ajuda a explicar por que alguém teria interesse em pagar uma fortuna pelo primeiro tuíte de Jack Dorsey. Imagine ter nas mãos o registro da primeira obra do Banksy da nova geração?

Para quem planeja entrar nesse mercado com expectativas de lucros nas mais variadas frentes, os especialistas lembram que o NFT não garante o direito autoral da obra – embora ainda existam muitas questões a serem debatidas na área. A princípio, o NFT é apenas o registro de compra de um item colecionável – a não ser que no contrato esteja especificado algum direito em relação à obra. Olhando para o mundo real: ter uma foto original de Sebastião Salgado não garante ao detentor o direito de vender livros e camisetas com aquela imagem.

"É um mercado que está em experimentação. Mas há uma boa razão para acreditar que colecionáveis digitais podem valer mais que colecionáveis físicos. Eles são mais líquidos: a venda é mais simples (qualquer um na internet pode participar) e a aquisição é instantânea, sem necessidade de logística", diz Pakman. Mais importante é que o NFT não altera uma premissa básica da arte: a beleza – e o valor – está nos olhos de quem vê.

Núcleo de Inteligência - Sedet
Edição 113 - Em 22 de março de 2021